

APRESENTAÇÃO

Nesta retomada de circulação (volume 49, n.1, 2012), em sua nova fase, a revista *Novos Rumos* vem a público com um conjunto de seções assim organizadas:

Seção I: Clássicos – Documentos, que vai se dedicar a resgatar textos importantes das Ciências Humanas e Sociais – inéditos ou não em língua portuguesa – bem como documentos, tais como cartas, correspondências, manifestos e/ou entrevistas. Originalmente, corresponde à seção “Encarte”, que fazia parte do formato anterior da Revista. Neste número, é com satisfação que trazemos um texto do grande marxólogo francês, Maximilien Rubel (1905-1996), inédito no Brasil. Publicado originalmente em 1973, no *L’Europe en formation*, n.163-164, o texto “Marx, théoricien de l’anarchisme” compõe o capítulo 3, da Parte I, “Le marxisme légendaire”, de seu livro *Marx, critique du marxisme: critique de la politique*, publicado em 1974, pela Payot, em Paris. A tradução foi de Marly Viana, com base na edição italiana, porque traz uma Introdução e um *Post scriptum* do próprio Rubel, dez anos depois, em outubro de 1983. Importante destacar que o francês trabalhou – de 1965 a 1994 – na edição crítica das obras de Marx para a Bibliothèque de La Pléiade (Gallimard), conseguindo publicar quatro volumes, sendo dois sobre Economia, um sobre Filosofia e um dos dois volumes planejados sobre Política.

A *Seção II – Artigos* – trará os textos selecionados para a edição, mesclando autores estrangeiros e nacionais, bem como a produção unespiana, fruto da nova fase da revista vinculada à Faculdade de Filosofia e Ciências, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Neste número, o primeiro artigo, de Marcos Del Roio, resgata a historicidade do *Manifesto Comunista*, demonstrando que o texto de Marx e Engels tem atualidade permanente, vale dizer, enquanto for necessária a crítica teórico/prática da ordem do capital. Para isso, o autor resgata quatro momentos históricos: o próprio contexto de 1848, os últimos tempos de vida de Engels (1895), o momento da eclosão da revolução socialista na Alemanha (1918) e os tempos atuais. Leitura instigante para estes tempos de crise.

Merecem destaque nesta edição dois artigos que – além de uma análise abrangente sobre temas no campo do marxismo – primam por trazer ao leitor a seleção cuidadosa de um conjunto de fontes bibliográficas, que nenhum pesquisador poderia desprezar. São os textos do italiano Marcello Musto e do inglês Adam Morton. O primeiro escreve “Marx e o caso Vogt: apontamentos para uma biografia intelectual

(1860-1861)”, onde procura analisar a correspondência completa de Karl Marx no período citado. O autor entende que este é um capítulo pouco explorado da biografia do pensador alemão, e aproveita para apontar um paradoxo: apesar da grande difusão dos escritos e da ampla afirmação de suas teorias, Marx e Engels ainda não dispõem de uma edição integral e científica de sua obra. Para levar a cabo seu intento neste artigo, o autor faz um criterioso e detalhado trabalho de indicar as referências a cada carta citada, tanto na edição alemã (Mega2), como na edição italiana (Riuniti). Este texto é indispensável para quem pesquisa a obra de Marx e Engels. Já o autor inglês Adam Morton, escreve “Reflexões sobre o desenvolvimento desigual: Revolução Mexicana, acumulação primitiva, revolução passiva”. Sua tese é de que, no México, uma “revolução passiva” baseada na intervenção do Estado e na mobilização da massa a partir “de baixo” resultou em uma forma de capitalismo compatível com uma influência autoritária e hegemônica. Na mesma linha de valorização das fontes, o autor apresenta um detalhamento bibliográfico que um pesquisador da temática da América Latina não poderá prescindir.

A contribuição internacional deste número se completa com o latino-americano Ricardo Ribera, professor da Universidade de El Salvador, que aborda um tema aparentemente anacrônico: “A Guerra Fria: breves notas para um debate”. O historiador, ao contrário, demonstra que o tema precisa ser retomado, justamente porque o tempo passou, a fim de que se possa – a partir de seu desfecho – apresentar uma nova e mais completa compreensão do processo.

A aproximação entre uma leitura gramsciana e lukacsiana através dos conceitos de hegemonia e reificação, respectivamente, é o tema do artigo de Carlos Leal e Eduardo Granja Coutinho, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E num artigo bastante contemporâneo, Gramsci volta à discussão com Carlos Nelson Coutinho, em artigo que questiona: “A época neoliberal: revolução passiva ou contra-reforma?”. Coutinho entende que, antes de falar em revolução passiva, seria útil tentar compreender muitos fenômenos da época neoliberal através do conceito de contra-reforma, que – para o autor – também faz parte do aparato categorial de Gramsci, ainda que apenas marginalmente.

E já que a reflexão chama a atenção à problemática neoliberal, somos convidados a ler o artigo de Anderson Deo, em apontamentos que registram um dos momentos de sua pesquisa concluída de Doutorado na Unesp, tematizando o imperialismo brasileiro nos governos Lula e FHC. Esta temática, com certeza aquece a discussão sobre a inserção do Brasil na financeirização capitalista, o que poderá ser

conferido na reflexão das pesquisas de doutorado em andamento de Érica Batista, da Unesp, e Lívia de Cássia Moraes, da Unicamp, que se debruçam sobre o mundo do trabalho, especialmente o setor bancário e o industrial.

A *Seção III – Crítica cultural* – na linha de sua já tradicional reflexão – terá como objetivo trazer às páginas da *Novos Rumos* um momento de reflexão sobre a arte, a literatura, o teatro, o cinema, as artes plásticas, enfim, o campo da cultura clássica e contemporânea. Neste número, vamos conhecer a análise de Camila Manduca Ferreira sobre “Zé Carioca: um papagaio na periferia do capitalismo”. A autora escreve sobre o personagem brasileiro de Walt Disney, que acabaria por representar a América Latina no filme *Alô amigos* (1943) e *Os três cavaleiros* (1945). Além de fazer interessante comparação, cotejando esse malandro “tipo exportação” com o primeiro grande malandro da novelística brasileira, revelado por Antonio Candido em “Dialética da malandragem”, Manduca Ferreira mostra como os gibis brasileiros caracterizam os estereótipos regionais – e a ótica de classe que veiculam – mostrando os primos que Zé Carioca tem pelo Brasil, dentre eles, o Zé paulista que, por ser demasiado trabalhador, é seu oposto.

Esse equilíbrio entre crítica cultural e as temáticas teóricas e de pesquisa, se expressa também em nossa *Seção IV – Resenhas*. É assim que Lidiane Soares Rodrigues e Claudinei Cássio de Rezende, respectivamente, conversam conosco sobre dois livros recém-lançados: a publicação da Expressão Popular, *Nem uma lágrima. Teatro épico em perspectiva dialética*, da integrante do movimento paulista de teatro de grupo, Iná Camargo Costa; e o livro *Lenin*, de György Lukács (1885-1971), que a Boitempo novamente nos brinda com sua edição bem cuidada, dando continuidade ao seu projeto de difundir definitivamente as obras do pensador húngaro no Brasil.

Angélica Lovatto
Editora-Assistente da *Novos Rumos*
Diretora da Revista no IAP